

Rede Reciclar, Núcleo Getúlio Vargas: estudo de caso do caminhografar e da corpografia urbana como procedimentos metodológicos para composição formal em projeto de arquitetura

Rede Reciclar, Núcleo Getúlio Vargas: case study about the caminhografar and the corpografia urbana as methodological procedures for formal composition in architectural design

Rede Reciclar, Núcleo Getúlio Vargas: Estudio de caso del caminhografar y la corpografía urbana como procedimientos metodológicos para la composición formal en el proyecto de la arquitectura.

SANTOS, Taís Beltrame dos Santos

Arquiteta e Urbanista, Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas, tais.beltrame@gmail.com

ROCHA, Eduardo

Doutor em Arquitetura, professor adjunto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, amigodudu@yahoo.com.br

RESUMO

O artigo objetiva apresentar os procedimentos em cartografia urbana utilizados para a elaboração conceitual e formal do exercício de projeto em arquitetura, urbanismo e paisagismo intitulado “Rede Reciclar: Núcleo Getúlio Vargas - Triagem de Resíduos Sólidos, Armazenamento e Inclusão Social”, que foi apresentado a título de conclusão de curso na Universidade Federal de Pelotas. A temática é formulada a partir da demanda do loteamento Getúlio Vargas, bairro da zona norte de Pelotas (RS), por uma sede para a CRIAS BGV (Cooperativa De Trabalho, Reciclagem, Integração E Ação Social Do Bairro Getúlio Vargas) e perpassa as necessidades de instalação de um núcleo da Rede Reciclar (Rede De Cooperativas De Triagem De Resíduos Sólidos Da Região Sul). Propõe uma metodologia de análise do território (DELEUZE; GUATTARI, 1997) e da paisagem através da caminhada como prática estética (CARERI, 2013) e das corpografias urbanas (JACQUES, 2008b), possibilitando a elaboração de uma proposta para os corpos, dinâmicas, ritmos e padrões que parta do e para o próprio ambiente. Variantes que foram utilizadas desde a formulação do programa de necessidades, e da setorização e partido do projeto, até a definição de técnicas construtivas, vegetação sugerida e revestimentos empregados.

PALAVRAS-CHAVES: reciclagem, cartografia urbana, projeto de arquitetura, corpografias urbanas, caminhografia;

ABSTRACT

The article aims to present the procedures in urban cartography used for the conceptual and formal elaboration of the project exercise in architecture, urbanism and landscaping, entitled “Rede Reciclar: Núcleo Getúlio Vargas - Triagem de Resíduos Sólidos, Armazenamento e Inclusão Social”, which was presented as a conclusion of course at the Universidade Federal de Pelotas. The theme is formulated from the demand of the allotment Getúlio Vargas, Neighborhood of the North Zone of Pelotas city, by a CRIAS BGV core (Getúlio Vargas district's work, recycling, integration and social action cooperative) and addresses the needs of the association Rede Reciclar (Network of Solid Waste Sorting Cooperatives of the Southern Region). It proposes a methodology of analysis of the territory (DELEUZE; GUATTARI, 1997) and landscape through walking as aesthetic practice (CARERI, 2013),

and the corpografias urbanas (JACQUES, 2008) , making possible the elaboration of a proposal for the bodies, dynamics, rhythms and patterns that depart from and to the environment itself. Variants that have been used since the formulation of the needs program, and from the sectorization and project design, to the definition of construction techniques, suggested vegetation and coatings used. La temática es formulada a partir de la demanda del loteamiento Getúlio Vargas, barrio de la zona norte de Pelotas (RS), por una sede para la CRIAS BGV (Cooperativa De Trabajo, Reciclaje, Integración y Acción Social del Barrio Getúlio Vargas), y traspasa las necesidades de instalación de un núcleo de la Red Reciclar (Red De Cooperativas De Clasificación De Residuos Sólidos De la Región Sur).

KEY WORDS: *recycling, urban cartography, architectural design, cartografia urbana, caminhografia;*

RESUMEN

El artículo tiene como objetivo presentar los procedimientos en cartografía urbana utilizados para la elaboración conceptual y formal del ejercicio de proyecto en arquitectura, urbanismo y paisajismo titulado “Rede Reciclar: Núcleo Getúlio Vargas - Triagem de Resíduos Sólidos, Armazenamento e Inclusão Social”, que fue presentado a título de conclusión de curso en la Universidade Federal de Pelotas. Propone una metodología de análisis del territorio y del paisaje (GUATTARI; DELEUZE, 1995) a través de la caminata como práctica estética (CARERI, 2013) y de las corpografias urbanas (JACQUES, 2008), posibilitando la elaboración de una propuesta para los cuerpos, dinámicas, ritmos y patrones que parta del y para el propio ambiente. Variantes que se utilizaron desde la formulación del programa de necesidades, y de la sectorización y partido del proyecto, hasta la definición de técnicas constructivas, vegetación sugerida y revestimientos empleados.

PALABRAS CLAVE:

reciclaje, cartografía urbana, proyecto de arquitectura, corpografias urbanas, caminhografia;

1 TRIAGEM DE RESÍDUOS SÓLIDOS E A CIDADE DE PELOTAS (RS):

Produzimos a cada dia, individualmente, cerca de 1,15 kg de lixo. Matéria Orgânica e reciclável que em 58% das cidades brasileiras possui destino inadequado. Desse volume geral, apenas 2% volta ao mercado em forma de matérias recicladas (BRASIL, 2012). Nesse sistema insustentável, “o catador e o reciclador são aquelas pessoas que nos livram da culpabilidade do desperdício e da irresponsabilidade com os rejeitos que jogamos fora” (FUÃO, 2012), mas quem são e em que condições trabalham essas pessoas? Como projetar espaços que estimulem a organização comunitária?

Reconhece-se que facilitar a organização dos catadores e catadoras e propor espaços que possibilitem condições de trabalho salubres, capacitação técnica e o encontro comunitário, é essencial para que o cotidiano dessas pessoas seja modificado. É papel crucial dos arquitetos e arquitetas, compreender e articular esses espaços. O trabalho busca apresentar as demandas levantadas para o exercício de projeto em arquitetura, urbanismo e paisagismo: *Rede Reciclar Núcleo Getúlio Vargas: triagem de resíduos sólidos, armazenagem e inclusão social*, que costura diversas demandas que foram levantadas durante o processo de investigação do tema na cidade de Pelotas. A cidade localiza-se ao Sul do Rio

Grande do Sul (BR) e é a terceira cidade mais populosa do estado, com estimados 344.385 habitantes (IBGE, 2017).

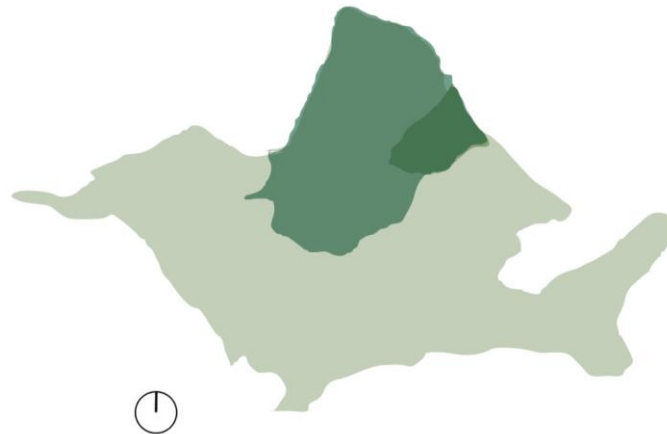
Pelotas produz cerca de 138 toneladas ao mês de plástico, papelão, vidro e metal (SANEP, 2016), materiais que poderiam ser totalmente reciclados. Entretanto apenas 3,6% dos resíduos são reaproveitados. Atualmente são apenas 7 cooperativas associadas ao SANEP (Serviço Autônomo de Saneamento de Pelotas). Essas, apesar de fazerem um grande trabalho, não possuem espaço físico e cooperativados suficientes para suprir a demanda. Nesse cenário, cogita-se a possibilidade de instalação de um núcleo da Rede Reciclar, conveniado à CRIAS BGV (Cooperativa De Trabalho, Reciclagem, Integração E Ação Social Do Bairro Getúlio Vargas).

A Rede Reciclar e a CRIAS BGV

A Rede Reciclar é uma central de cooperativas e associações de materiais recicláveis que interliga organizações do sul do Estado do Rio Grande do Sul. É composta por cooperativas das cidades de 8 cidades gaúchas e atinge diretamente 58 famílias. O foco do grupo é dispersar a necessidade de atravessadores, somando quantidades de matérias triados e prensados para vender para grandes compradores. A rede é acompanhada pelo trabalho do NESIC (Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas) da Universidade Católica de Pelotas, que se dispõe a fortalecer o contato entre as cooperativas da rede.

O Loteamento Getúlio Vargas, por sua vez, localiza-se no Bairro Três Vendas, na zona norte da cidade. Encontra-se em uma área periférica da cidade, considerada em parte zona de expansão urbana, em parte área rururbana (figura 1). Não possui tratamento de esgoto, pavimentação, passeios públicos ou qualquer tratamento paisagístico.

figura1: mancha da zona urbana de pelotas, com destaque no Bairro Três Vendas e Loteamento Getúlio Vargas



da autora (2018)

É caracterizado por residências de um pavimento, em lote de dimensões de 8,4x20m (170m²), onde a densidade demográfica é de 209.9 hab-há. É considerada área de médio déficit habitacional, possuindo edificações consideradas de alta precariedade (Figura 2).

Figura 2: Panorâmica das imediações do terreno de estudo no Bairro Getúlio Vargas. À esquerda, o prédio interditado da CRIAS BGV.



fonte: da autora, 2018.

Nesse contexto, o CRIAS BGV surgiu como uma organização comunitária em 2004, possuindo o intuito de gerar trabalho e renda para a comunidade, institucionalizando o trabalho de catadores e catadoras que já trabalhavam informalmente. E conseguindo, por projeto de lei junto a prefeitura, a concessão de um terreno para a instalação de um galpão de triagem.

A proposta inicial do exercício se constitui no estabelecimento das importantes relações entre o Crias BGV, o próprio loteamento, a Rede Reciclar e os usuários ativos do terreno e entorno. Pretendeu-se através de mapas objetivos e subjetivos, desvendar as potencialidades a serem exploradas na criação do projeto. A área, aparentemente imersa em fragilidades, é investigada por procedimentos da cartografia. Metodologia essa, idealizada por Deleuze e Guatarri, que deseja criar uma revolução ou possibilidade de criação como insurreição do menor nas cidades (DELEUZE,1999).

O loteamento foi primeiramente vivido pela caminhada como prática estética (CARERI, 2013). Careri nos sugere um deslocamento do desvendamento das fronteiras, dos limites e dos meios a partir do contato direto do corpo pesquisador pelo cenário caótico e complexo. Como forma de complementar a compreensão dos territórios¹ ali constituídos, foi utilizada a análise por corpografia urbana. Segundo Paola Jaques (2008), as corpografias são uma cartografia do corpo que, atingidas pelas memórias e pela experiência urbana, narram a cidade vivida. Ambos procedimentos contribuem para um projeto – arquitetônico, paisagístico e urbano que parte dos usuários e dinâmicas do cenário para a proposição de espaços abertos e construídos.

O trabalho aqui apresentado foi desenvolvido nas disciplinas de Trabalho Final de Graduação 1 e 2 (TFG1 e TFG2), para a obtenção de título de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). As investigações, de um modo geral, resultam diretamente na proposta integral do projeto. Faz-se o desenho urbano do loteamento, a setorização do terreno de projeto, o desenvolvimento e detalhamento dos módulos arquitetônicos e o projeto de paisagismo adjacente.

2 A CARTOGRAFIA URBANA: POSSIBILIDADE DE INSURGÊNCIA DO MENOR

A Cartografia é uma metodologia de pesquisa desenvolvida por Deleuze e Guatarri (1995), filósofos da diferença que visa dar visibilidade aos acontecimentos. É dada pela imersão do corpo na cidade e por isso propõe a dissolução dos conceitos de pesquisador e objeto de estudo. Se coloca como um método capaz de produzir, enquanto pesquisa-intervenção, forças de subjetividade². Pois admite as dinâmicas do tempo-espaço e a interferência de infinitas linhas, que se cruzam, se permeiam e se afetam. Não se detém na representação de um objeto, como os mapas do urbanismo tradicional, mas na apreensão de diversos atravessamentos. É própria da contemporaneidade porque possibilita a construção de mapas que falem sobre o indizível. Possibilita-se trazer à tona o que está entre a estrutura significada das cidades.



O caminhografar e a corpografia urbanas

A caminhada como prática estética, proposta por Francesco Careri (2013) é a criação de novos sentidos, a descoberta do novo, onde o caminho que dá as diretrizes a serem seguidas, e não um percurso pré-estabelecido. Essa prática, como procedimento metodológico, permite a experiência do corpo por lugares outros, não espetacularizados, que nas suas caóides e multiplicidades, nos ensina novas maneiras de pensar e ocupar o espaço urbano. O caminhar se faz um “instrumento estético capaz de descrever e modificar os espaços que muitas vezes apresentam uma natureza que ainda deve ser compreendida e preenchida de significados, antes que projetada e preenchida de coisas” (CARERI, 2013). É uma imersão nos espaços nômades (vazios), que ainda não foram sedentarizados.

As corpografias urbanas (corpo-cartografias) enquanto também constituintes desses espaços se apresentam no sentido de reflexão sobre as grafias dos corpos, sedentários e nômades, que vivenciam um cenário. Segundo Paola Jacques (2008), a experiência do corpo pela paisagem urbana é inscrita, em diversas escalas, mesmo que involuntariamente. Os gestos e movimentos do corpo revelam essas corpografias – micro práticas cotidianas, mesmo que essas não se tenham sido ensinadas. São os modos de reproduzir os territórios auto referenciais que extrapolam o espaço construído. Gingas, corporificadas que dizem sobre as apropriações, modificações e experiência daqueles, ou daquilo, que vivenciam um lugar.

Pela pesquisa se dar de forma qualitativa, despontam-se realidades que não eram esperadas, em um tempo emergente, onde o término da ação- ou da realidade, não coincide necessariamente com o tempo da pesquisa (BARROS; BARROS, 2013). Os dados, subjetivos e objetivos produzidos se definem mutuamente, um em função do outro. Assim, a etapa da análise se dá durante a ação, pois não se espera um resultado ou explicação histórica, mas procura-se encontrar as conexões, os apoios, os bloqueios e as linhas de força que constituem uma individualidade ou universalidade. Busca-se, portanto, uma sistematização do que foi capturado – através de mapas, de forma a escolher o que se sobressaiu da experiência.

3 OS MAPAS E O PROCESSO DE PROJETO

Os mapas cartográficos não buscam representar um objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente (ALVAREZ; PASSOS, 2015), mas compartilhar o território existencial da alteridade, entre sujeito e pesquisa, “à experimentação de modo de dizer compatível com a

problemática que o mobiliza” (ALVAREZ; PASSOS, 2015). A criação de mapas cartográficos funciona não como um decalque, mas como um disparador de desdobramentos da pesquisa, que fala não sobre a pesquisa, mas com a pesquisa. São registros de uma abertura engajada e afetiva no campo pesquisado que se permitiu *afectar* por uma “composição e conjugação de múltiplas forças”.

Já os mapas e escritos tradicionais – geográficos, possibilitam a leitura mais determinada, fechada de um campo. Também importantes para o projeto em arquitetura e urbanismo, permitem determinar os limites físicos e espaciais de um setor. Pode-se instituir, precisamente, o traçado de curvas de nível, de bacias hidrográficas e do próprio gabarito das ruas, além da análise demográfica do local, indispensáveis para a estruturação de diretrizes projetuais. Ambos sistemas, quando sobrepostos, pretendem dizer sobre um lugar político, complexo e com características intrínsecas. Viabilizam a multiplicidade de um lugar.

Durante a imersão no loteamento, o caminhografar permitiu o desvendamento de forças estruturantes e organizacionais do espaço, possibilitando o reconhecimento não somente dos lugares físicos – acessíveis por mapas tradicionais, mas também a percepção de limites, territórios e fluxos gerais, como demonstra a figura 3. O reconhecimento do loteamento se deu de uma forma errante, onde os afectos (cores, pessoas, conversas, caminhos) ditaram o percurso.

Figura 3: mapa de percepção e usos dos espaços próximos ao terreno de intervenção

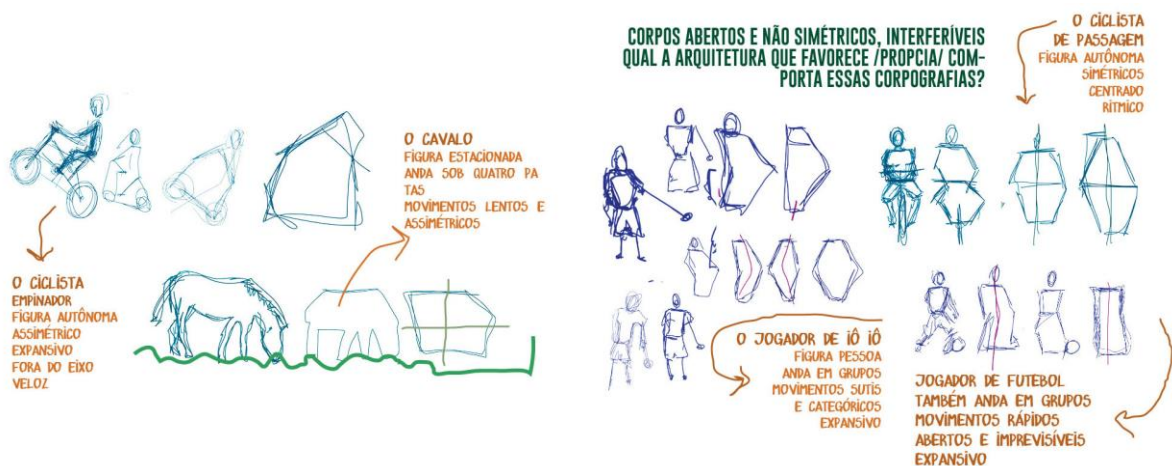


da autora (2018).

A caminhada também possibilitou uma análise das atividades desenvolvidas por esses usuários, que jogavam bola, brincavam de ioiô, corriam, andavam de bicicleta, visitavam o vizinho, compravam pão, pastavam, latiam, esperavam o ônibus etc. Os rastros traçados pelos usuários permitiram a leitura do que acontecia – como, onde, com que meio, e do que não acontecia.

O caminhografar se confunde com a análise das corpografias urbanas, pois também se atém ao desalinhamento dessa expressão de territorialidade. Essa análise, entretanto, se vincula à pergunta principal do projeto: quem são os corpos que vão receber/usufruir/potencializar a proposta do projeto? A figura 4, é a síntese de algumas pistas que foram formuladas a partir das corpografias assimiladas.

Figura 4: análise das corpografias urbanas.



da autora (2018).

A partir das experiências e análises iniciais, o andar da criação da proposta se deu na tentativa, crítica e ajuste. Buscou-se atender em desenho as diversas demandas que foram levantadas pelas análises, pela temática e por outras aproximações aqui registradas. O curso criador de um projeto é orientado pelas aberturas – linhas de fuga e limitações, que se alternam e se desdobram, constituindo, novas inquietações e oportunidades.

4 DO PERCURSO AO OBJETO: REDE RECILAR NÚCLEO GETÚLIO VARGAS

A proposta projetual surge de “fora pra dentro”, pois se consolida a partir das análises subjetivas + objetivas, onde as dinâmicas e territórios existenciais setorizam e formalizam a proposta. A primeira etapa de projeto, logo após feitas as análises, foi a setorização do terreno. O mesmo, por ser um polígono irregular e extenso, margeia 7 quadras transversalmente, precisou ser decomposto em áreas menores (figura 5). Permitindo assim que os fluxos por entre do terreno fossem preservados e a conexão, com possível área de extensão do loteamento, fosse garantida. A demanda surge dos rastros de uso que foram registrados na visita feita e da proposta de uso para cada zona, como veremos na imagem 6. Juntamente com a abertura de novas vias, propõem-se a pavimentação de ruas e calçadas, tão caras a comunidade.

Figura 5. à esquerda situação original do loteamento Getúlio Vargas, à direita proposta de desenho urbano

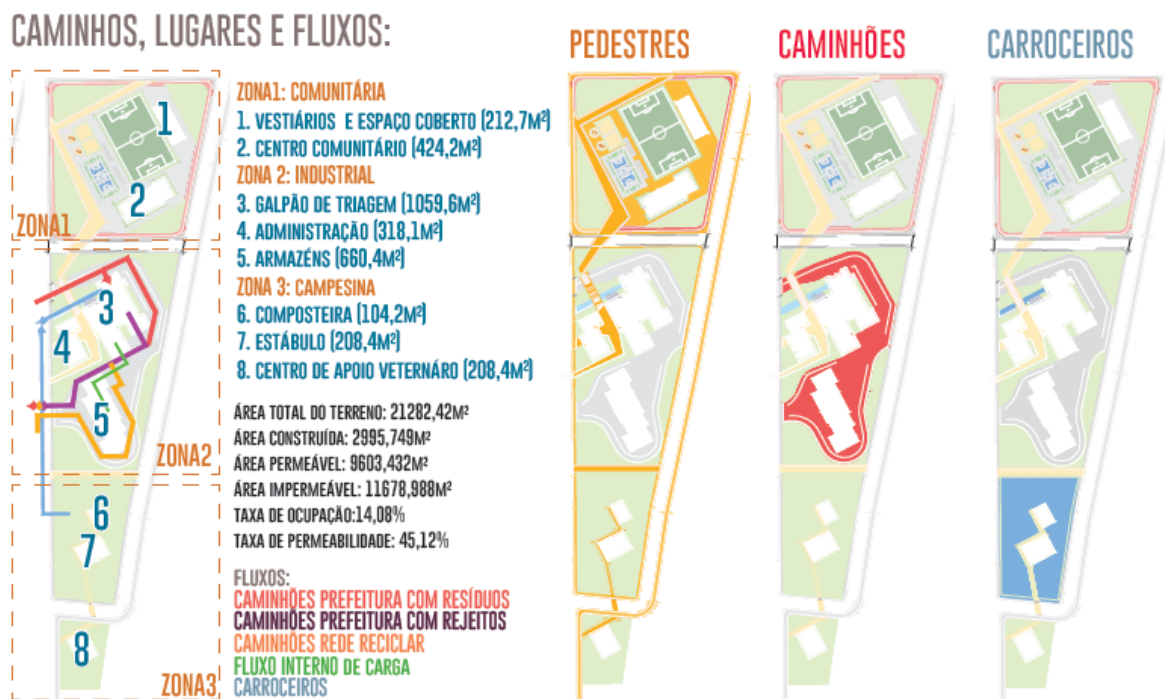


Da autora (2018).

O plano de necessidades foi seccionado em 3 grandes zonas: Zona 1 – Comunitária, Zona 2 – Industrial e Zona 3 – Campesina. A proximidade de atividades muito diferentes entre si, que se conectam, preserva as dinâmicas características do local. São desenhos para usos emancipadores, abertos,

propostos para os sujeitos – nômades, que garantem alteridade aos espaços. A figura 6, ilustra o funcionamento dos espaços e fluxos propostos, ressaltando as diversas atividades abarcadas pelo plano de necessidades.

Figura 6: proposta de setorização e organização de fluxos do projeto



da autora (2018).

A Zona um – Comunitária, é localizada na parte mais ampla do terreno. Se conecta com uma avenida pela aresta maior (nordeste) e se comunica com a praça existente. Preserva os usos ativos pregressos ao projeto e propõem a instalação de um centro comunitário, com biblioteca, sala de aula e cozinha industrial, vestiários e espaço coberto multiuso. Além das quadras esportivas, na zona aberta, comporta mobiliários e área para churrasqueira, além de hortas, espaços arborizados e áreas livres (figura 7).

ARQUITETURA E CIDADE: PRIVILÉGIOS, CONFLITOS E POSSIBILIDADES

Curitiba, de 22 a 25 de outubro de 2019



Figura 7: proposta para o Setor um - comunitário



da autora (2018).

A Zona dois- Industrial, localiza-se na parte central do terreno, onde se situava a antiga CRIAS BGV. Aporta um constante fluxo de carroceiros, caminhões e trabalhadores, e é dividida em três núcleos: administração+ refeitório, galpão de triagem de resíduos e armazém. A área construída é circundada por vegetação de pequeno, médio e grande porte, de crescimento rápido, responsável pela transição entre o espaço industrial e a zona rururbana (figura 8).

Figura 8: proposta para o setor dois - industrial



da autora (2018).



PROJETAR
GRUPO DE PESQUISA EM
PROJETO DE ARQUITETURA
E PERCEÇÃO DO
AMBIENTE



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE



ARQUITETURA E URBANISMO - UFRPR



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PLANEJAMENTO URBANO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ



UNIVERSIDADE
POSITIVO

A Zona três – Campesina está situada ao sul do terreno, na parte mais estreita, e é reservada a criação de animais (cavalos, ovelhas e vacas) e ao plantio de árvores frutíferas. Possui sinalizadas as instalações de local para compostagem, estábulo e setor de apoio veterinário.

Todas as edificações são compostas por módulos em estrutura metálica. Foram projetadas para serem desmontáveis, e assim adaptáveis e transportáveis. Para os fechamentos foram utilizadas telhas metálicas isotérmicas, que garantem o conforto térmico e acústico para os usuários do terreno e entorno. As paletas de cores propostas, como mostram as imagens, foram inspiradas na paleta de cores existente no loteamento.

A proposta buscou proporcionar o encontro e a coexistência, pois acredita que a multiplicidade, ressonante característica do loteamento, é a garantia da constante produção de urbanidade. A presença de usuários noturnos e diurnos, acessando a proposta, se reconhecendo e se conectando é essencial para a sustentabilidade do CRIAS BGV.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cartografia urbana, por não pretender representar a realidade, funciona como uma tentativa de conexão, vivência e experiência entre os corpos. Assim sendo, não uma proposição fechada e permanente, mas a possibilidade de enfrentamento de outras realidades – de um campo não teórico. Por isso, não transforma diretamente problemas de projeto em soluções. Mas, busca possibilitar o desvendamento das subjetividades que compõem um cenário, a partir da correlação dos territórios. Se propõe a experiência corporal como forma de abeiramento de possibilidades outras, só concedidas quando do encontro entre os modos de existir.

A metodologia utilizada para o processo de formulação projetual permitiu a expressão de diversas demandas e pistas para a criação de uma proposta de intervenção. A setorização do projeto parte das análises do caminhografar. A concepção da forma, da aproximação com as corpografia abertas e assimétricas, que compõem grupos. As linhas e os ritmos que configuram os lotes e assim o loteamento, se estendem como parâmetros de altura e organização dos módulos arquitetônicos. Desdobramentos todos, possibilitados pela imersão do corpo no cenário de intervenção, e amparados pelo conceito de multiplicidade (DELEUZE, 2018).

¹ entendendo território como um modo de ser, como produto da territorialização dos meios (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

² “conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas, estejam em posição de emergir como território existencial auto-refencial, em adjacência ou em relação de delimitação de uma alteridade ela mesma subjetiva” (GUATTARI, 1992, p.19).

6 REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Eds.). . Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. 4º reimpre ed. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 207 p.

BARROS, LETICIA M. R.; BARROS, M. ELIZABETH B. DE. O problema da análise em pesquisa cartográfica. Fractal, revista de psicologia, v. 25, p. 373–390, 2013.

BRASIL. POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOSBRASIL, 2012.

CARERI, F. Walkscapes: a caminhada como prática estética. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.

DELEUZE, G. Diferença e Repetição. 1º edição ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs vol.1. 2. ed. São Paulo: editora 34, 1995.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Acerca do ritornelo. In: ROLNIK, S. (Ed.) . Mil Platôs. 4. ed. São Paulo: editora 34, 1997. p. 121–180.

FUÃO, F. F. Galpões de triagem e o lugar da arquitetura. In: RHEINGANTZ, P.; PEDRO, R. (Eds.). . Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea, controvérsias e ressonâncias em coletivos urbanos. 1. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. p. 169–182.

JACQUES, P. B. Corpografias Urbanas. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, p. 1–13, 2008.